



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**CONSTRUÇÕES DE DESLOCAMENTO À ESQUERDA, ESSAS OCORREM EM PEÇAS  
TEATRAIS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

João Pedro Abraham Tosta

Rio de Janeiro  
2015

JOÃO PEDRO ABRAHAM TOSTA

CONSTRUÇÕES DE DESLOCAMENTO À ESQUERDA, ESSAS OCORREM EM  
PEÇAS TEATRAIS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras na habilitação Português/  
Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Tavares Orsini

RIO DE JANEIRO

2015

T716c Tosta, João Pedro Abraham.  
Construções de deslocamento à esquerda, essas  
ocorrem em peças teatrais portuguesas dos séculos XIX e  
XX / João Pedro Abraham Tosta. – Rio de Janeiro, 2015.  
49 f. ; 31 cm.

Orientadora: Profª Drª Mônica Tavares Orsini.  
Monografia (Graduação) – Faculdade de Letras,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,  
2014.  
Bibliografia: f. 48-49.

1. Gramática histórica. 2. Sintaxe. 3. Português  
europeu. I. Título. II. Orsini, Mônica Tavares.

CDD 469.5

## **Agradeço:**

Antes de tudo, as escolhas que me trouxeram até a Faculdade de Letras da UFRJ; o destino que não me fora traçado, mas que tracei a cada pequena opção que fiz.

Minha família, Wania, Ivan, Jamile, Lucy, Ivan e Luna, que desde sempre me mostraram que a educação é a mais valiosa herança que se pode deixar.

André, Alex, Arthur, Caio, Gabriel, Guilherme, Iago, Luan, Lucas, Paulo Ricardo, Renan, Rodolpho, Vinícius e Yuri, o Planejamento, que, apesar de tudo, acreditaram em mim.

Alessandra, Carla, David, Fernanda, Helena, Jéssica, Letícia, Stefanie e Thamis; Aline, Felipe, Filipe e Vinícius; Mariana e Isabela; Anita; Danilo; turma LEBA e todos os amigos e amigas da faculdade, que, de diferentes maneiras, momentos e intensidades, me fizeram estar certo de que a Letras era, sim, para mim.

Mônica, amiga e também orientadora, por toda a confiança, apoio e paciência não só academicamente, mas também pessoalmente.

Alex, Bia, Bruno, Cristiano, Daisy, Dudu, Fátima, Ivan, Jonatas, Juliere, Fábio, Leonardo, Raphael, Rita, Robson, Sérgio e Victor, que desde o Ensino Médio me mostraram o orgulho que é ser professor. E Alexandre, Alberto, Aparecida, Carlos Alexandre, Cinda, Eduardo, Gilberto, Godofredo, Guilherme, João, Leonardo, Leonor, Marinete, Maluh, Márcia, Mônica, Teresa, Thaís e Violeta por confirmarem esse sentimento.

Nathália, minha namorada, por me apoiar a encerrar esse capítulo e continuar os próximos.

Enfim, todas, todos e tudo, que contribuíram para que diga: graduado.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>1. Pontos de partida</b>	<b>6</b>
<b>1.1 Sujeito-predicado e tópico-comentário</b>	<b>6</b>
<b>1.2 Estratégias de construções de tópico-marcado no PE</b>	<b>7</b>
<b>1.2.1 Tópico não é retomado por uma expressão no interior de comentário</b>	<b>7</b>
<b>1.2.2.1 Topicalização</b>	<b>7</b>
<b>1.2.2.2 Topicalização não canônica ou selvagem</b>	<b>8</b>
<b>1.2.3 O tópico é retomado no interior do comentário</b>	<b>8</b>
<b>1.2.3.1 Deslocamento à esquerda de tópico pendente</b>	<b>9</b>
<b>1.2.3.2 Deslocamento à esquerda clítico</b>	<b>9</b>
<b>1.3 Deslocamentos à esquerda na tradição gramatical</b>	<b>11</b>
<b>1.4 Análises empíricas acerca das construções de deslocamento à esquerda no Português Europeu</b>	<b>13</b>
<b>2. Pressupostos teóricos-metodológicos</b>	<b>16</b>
<b>2.1. Pressupostos teóricos</b>	<b>16</b>
<b>2.1.1 Teoria de Princípios e Parâmetros</b>	<b>16</b>
<b>2.1.1.1 Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) e Parâmetro do Objeto Nulo (PON)</b>	<b>16</b>
<b>2.1.2 Teoria de Estudo da Mudança</b>	<b>17</b>
<b>2.1.3 Sociolinguística Paramétrica ou Variação Paramétrica</b>	<b>18</b>
<b>2.1.4 A peça teatral no <i>continuum</i> dos gêneros textuais</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Procedimentos metodológicos</b>	<b>19</b>
<b>2.2.1 A amostra</b>	<b>20</b>
<b>2.2.2 Os grupos de fatores</b>	<b>23</b>
<b>2.3 Objetivos e Hipóteses</b>	<b>27</b>
<b>2.3.1 Objetivos</b>	<b>27</b>
<b>2.3.2 Hipóteses</b>	<b>27</b>
<b>3. Análise de dados</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Distribuição geral dos dados</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Deslocamentos à esquerda de tópico pendente</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Deslocamentos à esquerda clítico</b>	<b>38</b>
<b>3.4 Generalizações acerca das construções de deslocamento à esquerda no PE</b>	<b>44</b>
<b>4. Considerações finais</b>	<b>46</b>
<b>5. Referências bibliográficas</b>	<b>48</b>

## Introdução

A presente monografia configura-se num recorte do projeto *As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras e portuguesas*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Mônica Tavares Orsini, que objetiva, em última instância, confrontar as variedades brasileira e europeia do Português no que tange ao comportamento das construções de tópico marcado. Participei de tal projeto como bolsista de Iniciação Científica – inicialmente, PIBIC/UFRJ e posteriormente, PIBIC/CNPq – no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2014.

Desse modo, o presente trabalho visa descrever a trajetória das construções de deslocamento à esquerda (doravante, DE) em peças teatrais portuguesas dos séculos XIX e XX, caracterizando-as segundo aspectos morfossintáticos e semânticos. Para tanto, a amostra utilizada se compõe de 67 peças teatrais portuguesas escritas por diferentes autores ao longo dos referidos séculos.

O trabalho se fundamenta na associação da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), em particular no comportamento do Português Europeu em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, à Teoria de Estudo da Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968[2006]), uma vez que desenvolvemos um estudo em tempo real de longa duração.

Esta monografia se compõe de quatro partes. Em “Pontos de partida”, capítulo inicial, conceituaremos as construções de tópico marcado e, em particular, os deslocamentos à esquerda, apresentando, também, informações acerca do fenômeno focalizado na descrição tradicional. No capítulo 2, trataremos dos pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam nossa análise. No terceiro capítulo, reuniremos os resultados obtidos e, por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

## 1. Pontos de partida

### 1.1 Sujeito-predicado e tópico-comentário

Para entendermos como as línguas naturais articulam sintaticamente suas sentenças, é fundamental conceituarmos as estruturas de sujeito-predicado e de tópico-comentário. As construções de sujeito-predicado constituem uma estrutura sintática na qual um predicador projeta um argumento externo que estabelece, com ele, relação de concordância, como em (1):

(1) [**Os miúdos**] telefonaram. (Brito, Duarte e Matos 2003:490).

Em (1), a relação de concordância evidencia que o sintagma *os miúdos* é o sujeito do predicador *telefonar*.

Já as construções de tópico-comentário se caracterizam por apresentar um sintagma à periferia esquerda da sentença – tópico – sobre o qual se faz uma declaração por meio de uma sentença do tipo sujeito-predicado, o comentário. Nesse sentido, a sentença (1) é, também, uma construção do tópico-comentário, uma vez que acerca do sintagma à esquerda *os miúdos* diz-se que *telefonaram*.

Os casos como (1), em que o tópico também exerce a função sintática de sujeito, configuram sentenças de tópico não marcado. Entretanto, o escopo de análise dessa monografia são as construções de tópico marcado, nas quais não há coincidência entre tópico e sujeito, como em (2):

(2) [**Os bonecos de cera**]<sub>i</sub>, o sol aquece-[os]<sub>i</sub> mas escorre as cores. (*A posição de guerra*, Branquinho da Fonseca, 1928)<sup>1</sup>.

Em (2), notamos que acerca do sintagma *os bonecos de cera* diz-se que *o sol aquece-os mas escorre as cores*, caracterizando assim uma estrutura tópico-comentário. Trata-se de uma construção de tópico marcado, visto que o sujeito não é o sintagma *os bonecos de cera*, mas *o sol*.

---

<sup>1</sup> Os exemplos deste trabalho foram retirados do *corpus* utilizado para o estudo.

## 1.2 Estratégias de construções de tópico-marcado no PE

Tendo em vista as descrições de Brito, Duarte e Matos (2003) e de Raposo *et al.* (2013) para o Português Europeu (doravante, PE), há três estratégias de construções de tópico marcado: (i) o tópico não é retomado por uma expressão no interior de comentário, (ii) o tópico corresponde a um constituinte interno ao comentário, mas sem retomada lexical e (iii) o tópico é retomado no comentário.

### 1.2.1 Tópico não é retomado por uma expressão no interior de comentário

Essas construções denominam-se construções tópico pendente. Nelas, o tópico, um sintagma nominal (SN) ou um sintagma preposicional (SP), não se relaciona sintaticamente a nenhum constituinte da sentença comentário. Desse modo, estabelece-se uma relação puramente semântica como em (3):

(3) Todo eu sou etiquetas e **[em questões de delicadeza]** costume portar-me como um fidalgo - que sou. (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

Notamos, em (3), que o sintagma preposicional *em questões de delicadeza* não estabelece ligação sintática com a sentença articulada pelo predicador *costumar*; há, apenas, vínculo semântico entre esse sintagma e a oração em questão.

### 1.2.2 Tópico corresponde a um constituinte interno ao comentário, sem retomada lexical

#### 1.2.2.1 Topicalização

Outro tipo de construção de tópico marcado são as topicalizações. Nessas, o tópico vincula-se a uma categoria vazia no interior da sentença comentário, como em (4):

(4) **[Grande prazer]<sub>i</sub>** nos causa [   ]<sub>i</sub> a vossa decisão. (*Viagem a Damasco*, Norberto Avila, 1958).



Em (4), o sintagma *grande prazer* foi movido do interior da sentença comentário para a periferia esquerda da sentença, deixando uma categoria vazia com a qual se vincula sintaticamente.

### 1.2.2.2 Topicalização não canônica ou selvagem

A topicalização não canônica, segundo a descrição de Raposo *et al.* (2013), ou a topicalização selvagem, segundo Brito, Duarte e Matos (2003), diz respeito à topicalização de um sintagma preposicional que, durante seu movimento para a periferia esquerda da sentença, perde sua preposição como em (5).

(5) [Essa cerveja]<sub>i</sub>, eu não gosto [\_\_]<sub>i</sub>. (Brito, Duarte e Matos 2003: 501).

O verbo *gostar* solicita argumento regido pela preposição *de*, que, neste caso, revela menor conteúdo semântico; porém, no movimento para a posição de tópico, o sintagma não carrega essa preposição.

Vale ressaltar, todavia, que, conforme esses autores, tais construções só são aceitas na fala culta informal se a preposição suprimida tiver menos conteúdo semântico. Assim construções como a representada em (6) são agramaticais no PE, já que a preposição *de* associada ao predicador *vir* exprime origem, ponto de partida do enunciador.

(6) \*[Paris]<sub>i</sub>, só vim [\_\_]<sub>i</sub> ontem. (Raposo *et al.* 2013: 422).

Cabe ressaltar que, sobre o estatuto semântico das preposições, não as tratamos de maneira binária, ou seja, entendendo-as ou como marcadoras de caso ou como semanticamente plenas; mas de forma gradual, como em um *continuum*, compreendendo que as preposições possuem mais ou menos conteúdo semântico e que uma mesma preposição pode transitar nesse *continuum* a depender de seu predicador.

### 1.2.3 Tópico é retomado no interior do comentário

Essas estruturas configuram as construções de deslocamento à esquerda, fenômeno em estudo nesse trabalho. Elas se caracterizam pela retomada do tópico por um constituinte

lexicalmente expresso no interior do comentário. Essas estruturas podem ser de dois tipos: deslocamento à esquerda de tópico pendente e deslocamento à esquerda clítico.

### 1.2.3.1 Deslocamento à esquerda de tópico pendente

Nos deslocamentos à esquerda de tópico pendente, o tópico, um sintagma nominal, é retomado, no interior do comentário, por um epíteto (7), um pronome (8) ou um sintagma nominal idêntico (9):

(7) [**Vinho tinto de Xiraz**]<sub>i</sub>... Quem ficaria indiferente [**a [este veludo carmesim]**]<sub>i</sub>?  
(*Viagem a Damasco*, Noberto Ávila, 1958).

(8) [**O meu Lopes**]<sub>i</sub>, [**esse**]<sub>i</sub> é exactamente o contrário. (*O trivial*, Chagas Roquete, 1928).

(9) Ah, e [**a bolsinha**]<sub>i</sub>, já cá faltava [**a bolsinha**]<sub>i</sub>... (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

Tais construções apresentam baixo grau de sintatização entre o tópico e o correferente no interior da sentença comentário. Portanto, entre esses dois constituintes há conformidade somente em relação aos traços de gênero, número e pessoa como se vê em (8). Contudo, vale destacar que nos casos de retomada por epíteto com núcleo nominal a concordância de gênero e número não é categórica, como se vê em (10); já nos casos de retomada por demonstrativo invariável, verifica-se, evidentemente, apenas concordância de pessoa, como em (11):

(10) [**Água de coco**]<sub>i</sub>, gosto imenso [**d[esse néctar delicioso]**]<sub>i</sub>. (Raposo *et al.* 2013:410).

(11) [**sombrero, sol, papo para o ar**]<sub>i</sub>, não sei se estás a ver... [**isso**]<sub>i</sub> é para os velhos como nós... (*Um filho*, Luísa Costa Mendes, 1985).

### 1.2.3.2 Deslocamento à esquerda clítico

Já nos deslocamentos à esquerda clítico a retomada é feita, obrigatoriamente, por um pronome clítico acusativo (12) ou dativo (13):

(12) [**Esse pedaço de alma**]<sub>i</sub> sinto-**[o]**<sub>i</sub>. (*O Beijo do Infante*, D. João Câmara, 1898).

(13) [**Ao seu tio**]<sub>i</sub> dei-**[lhe]**<sub>i</sub> já um lamiré, mas ele embespinhou-se imediatamente (*O festim de Baltasar*, Gervásio Lobato, 1894).

Ao contrário dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente, essas construções exibem alto grau de sintatização entre o tópico e seu correferente, estabelecendo conformidade referencial, categorial, casual e temática. Em decorrência dessa propriedade sintática, um clítico acusativo só pode retomar um sintagma nominal e um clítico dativo, um sintagma preposicional, conforme se observa em (12) e (13). Assim, para que se tenha um deslocamento à esquerda clítico, não basta haver somente a retomada por um clítico, mas o forte vínculo sintático.

(14) Mas [**o menino**]<sub>i</sub> deram-**[lhe]**<sub>i</sub> umas dores pela barriga.. (*Astúcias de Zanguizarra*, Ricardo José Fortuna, 1819).

Em (14), verificamos a retomada do tópico *o menino* pelo clítico *lhe* no interior do comentário; porém, tal relação gramatical apresenta baixo grau de sintatização, uma vez que um dativo retoma um sintagma nominal. Assim, (14) configura um caso de deslocamento à esquerda de tópico pendente, e não de deslocamento à esquerda clítico.

Vale ressaltar, contudo, que Raposo *et al.* (2013) incluem, no rol das construções de deslocamento à esquerda clítico, como uma herança do galego-português, a possibilidade de que verbos com complemento direto apresentem um sintagma preposicional como tópico, desde que o tópico designe uma entidade humana e seja introduzido por preposição *a*, ou seja, nessas circunstâncias, o clítico acusativo retoma um sintagma preposicional, como observamos em (15):

(15) (...) e [**a mim**]<sub>i</sub> fechou-**[me]**<sub>i</sub> num quarto sem luz nem ar. (*Justiça*, Camilo Castelo Branco, 1856).

O verbo *fechar* solicita complemento direto, que está expresso pelo clítico *me*. Apesar de tal clítico retomar o sintagma preposicional *a mim*, trata-se, segundo Raposo *et al.* (2013), de um legítimo deslocamento à esquerda clítico por designar uma entidade humana – uma personagem da peça – e ser introduzido pela preposição *a*.

Em termos de estruturação sintática, os deslocamentos à esquerda, de tópico pendente ou clítico, ocorrem, majoritariamente, em frases raiz – períodos simples – como ilustram os exemplos até aqui. Contudo, os dois tipos de deslocamento à esquerda diferenciam-se em relação à configuração sintática das estruturas licenciadas pelo PE. Conforme Raposo *et al.* (2013) e Brito, Duarte e Matos (2003), os deslocamentos à esquerda de tópico pendente não são sensíveis a ilhas sintáticas, mas os deslocamentos à esquerda clítico o são.

Apresentado por Ross (1967, *apud* Raposo *et al.*, 2013: 415), o conceito de *ilhas sintáticas* diz respeito a orações que atuam como barreiras para certas relações sintáticas. As ilhas fortes, como as orações relativas, orações adverbiais e orações completivas de sujeito em posição pré-verbal, restringem vínculos sintáticos fortes com os constituintes em seu interior, impedindo, por exemplo, o movimento de elementos para fora dessas orações.

Nos deslocamentos à esquerda, as construções que envolvem ilhas sintáticas ocorrem em contexto sem adjacência sintática: o tópico está na frase matriz – oração principal – e o seu correferente no interior da oração subordinada. Tendo em vista as restrições sintáticas do PE, somente nos casos de deslocamento à esquerda de tópico pendente, exemplificado em (16), é possível que exista relação sintática entre o tópico e um elemento no interior de uma ilha sintática forte. Já os deslocamentos à esquerda clítico, nessas condições sintáticas, mostram-se agramaticais como em (17):

(16) [**O João**]<sub>i</sub>, conheço a pessoa que [**lhe**]<sub>i</sub> ofereceu um livro nos anos. (Raposo *et al.* 2013: 414)

(17) \*[**Ao João**]<sub>i</sub>, conheço a pessoa que [**lhe**]<sub>i</sub> ofereceu um livro nos anos. (Raposo *et al.* 2013: 414)

Em (16) e em (17), o tópico é externo a uma oração relativa – uma ilha sintática forte–, sendo retomado por um correferente em seu interior. Tendo em vista que ilhas sintáticas impedem, no PE, nexos gramaticais fortes, é evidente que os deslocamentos à esquerda clítico não constituem construções gramaticais, uma vez que requerem alto grau de sintatização (14). Desse modo, somente uma relação com baixo grau de sintatização, como um deslocamento à esquerda de tópico pendente (13), é licenciado no PE, conforme a descrição de Raposo *et al.* (2013).

### 1.3 O deslocamento à esquerda na tradição gramatical

As descrições desenvolvidas por Raposo *et al.* (2013) e Brito, Duarte e Matos (2003) sobre as construções de tópico marcado não encontram par na gramática tradicional.

A gramática de Cunha & Cintra (2008), afinada à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), não faz sequer menção ao conceito de *tópico* em sua análise. Contudo, há nesse trabalho de base tradicional exemplos dessas construções, mas analisadas de forma distinta.

No capítulo “Figuras de Sintaxe”, Cunha & Cintra (2008: 644) conceituam *anacoluto* como “a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível.” Dentre os exemplos, encontramos:

(18) Umas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis (Cunha & Cintra 2008: 644).

(19) Bom! Bom! eu parece-me que ainda não ofendi ninguém! (Cunha & Cintra 2008: 645).

Descritos como ocorrências em que há uma quebra sintática, os exemplos dos autores possuem, em verdade, vínculo sintático com constituintes da sentença. Em (18), o sintagma nominal complexo<sup>2</sup> *umas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa* é retomado pelo pronome nominativo *elas* no interior do SP *com elas*, e, em (19), o pronome nominativo *eu* é retomado pelo clítico *me*. Sendo assim, ambas as sentenças configuram exemplos de deslocamento à esquerda de tópico pendente, e não um caso em que “a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação” (Cunha & Cintra 2008: 635).

Ao tratar dos complementos verbais, há novamente dados de tópico marcado ainda que não se adote essa nomenclatura. Cunha & Cintra (2008), na exemplificação de objeto direto e indireto preposicionados, citam exemplos como:

(20) Árvore, filho e livro, queria-os perfeitos. (Cunha & Cintra 2008: 157).

(21) A mim ensinou-me tudo. (Cunha & Cintra 2008: 159).

Essas construções, descritas pelos autores como uma estratégia para enfatizar o complemento verbal, constituem casos de deslocamento à esquerda clítico, já que os

---

<sup>2</sup> Sintagmas nominais complexos são aqueles que possuem uma oração relativa restritiva modificando seu núcleo.

sintagmas *árvores, filho e livro e a mim*, situados à periferia esquerda da sentença, são retomados no interior da sentença comentário por um pronome clítico - *os* e *me*, respectivamente.

Na também tradicional descrição de Lima (2012), não encontramos diferença em relação ao trabalho de Cunha & Cintra (2008). As construções de tópico marcado são tratadas como ocorrências de anacoluto: “no *anacoluto*, encontraremos, talvez, um dos mais frequentes casos da sintaxe afetiva” (Lima 2012: 587). Em seguida, o autor mostra exemplos como (22), que possui interpretação análoga a (18) e (19), isto é, há a retomada do sintagma na periferia esquerda por um constituinte no interior da sentença.

(22) E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (Lima 2012: 588).

Em (22), percebemos que o sintagma nominal *o desgraçado* é retomado duas vezes no interior da sentença comentário: pelo clítico *lhe* na primeira oração, em que a estrutura indica posse (*tremiam as suas pernas*), e pelo clítico *o* na oração predicada por *sufocar*.

Bechara (2009) apresenta a transposição (topicalização) como um recurso para a identificação do objeto direto. Sobre ela, diz o autor: “operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto.” (Bechara 2009: 417). Posteriormente, coloca o seguinte exemplo:

(23) O caçado viu o lobo/ O lobo, o caçador o viu. (Bechara 2009: 417).

A descrição de Bechara (2009) destaca um procedimento que equivale ao objeto direto pleonástico, nas descrições de Cunha & Cintra (2008) e Lima (2012), sem, contudo, tratar a construção como sendo do tipo tópico-comentário. Além disso, sobre os anacolutos, o autor se aproxima das outras duas análises tradicionais, descrevendo casos análogos aos exemplos (18), (19) e (22) como “quebra da estruturação lógica da oração” (Bechara 2009: 595).

#### **1.4 Análises empíricas acerca das construções de deslocamento à esquerda no PE**

Além das descrições gramaticais, estudos sobre as construções de tópico marcado embasaram esta análise. Destacamos aqui dois trabalhos de sintaxe comparativa, de base sincrônica: Vasco (1999) e Garcia (2014).

Vasco (1999) analisa a fala culta de brasileiros e portugueses. Para o PB, utiliza como amostra 12 entrevistas do Projeto NURC, distribuídas por gênero e faixa etária; para o PE, 18 entrevistas do *corpus* Português Fundamental. Ambas as amostras são de fala culta. Em relação aos deslocamentos à esquerda, Vasco (1999) identifica que, no PB, 28% dos dados de tópico-comentário são dessas estruturas; no PE, essas construções representam 21% dos dados. Esse resultado aponta para a superioridade da frequência das topicalizações em relação aos deslocamentos à esquerda em ambas as variedades.

Focalizando apenas as construções de deslocamento à esquerda, PE e PB se diferenciam quanto à frequência das funções sintáticas a que o tópico está vinculado no interior do comentário. Neste sistema, 82% dos casos são de deslocamentos à esquerda cujo correferente ocupa a posição de sujeito (24). Naquele predominam ocorrências como em (25), em que o correferente possui função de objeto direto – 52.5% dos casos – seguido daqueles com a função de sujeito – 37% dos casos.

(24) [**A escola técnica**]<sub>i</sub> [**ela**]<sub>i</sub> dava uma formação técnica muito boa. (Vasco 1999: 79).

(25) [**Os móveis que, que comprei**]<sub>i</sub>, agora acho-[**os**]<sub>i</sub> horrorosos. (Vasco 1999: 82).

Em (24), notamos que o sintagma nominal tópico *a escola técnica* é retomado pelo pronome nominativo *ela*, o qual é o sujeito do verbo *dar* na sentença comentário. Em (25), percebemos que o tópico *os móveis que, que comprei* é retomado pelo clítico *os*, objeto direto do verbo *achar*.

O trabalho de Vasco (1999) mostra que nos deslocamentos à esquerda de objeto direto do PE predominam retomadas por pronomes clíticos – tipo de retomada não encontrada no PB em virtude da mudança no seu quadro pronominal e consequente desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa. Além disso, no PE, não foram encontradas retomadas por pronome nominativo na função de sujeito; ao contrário do PB, em que esse tipo de retomada ocorre. Sendo assim, sentenças como (24) se restringem à variedade brasileira.

O trabalho de Garcia (2014) também se detém à comparação entre a modalidade oral (culta e popular) portuguesa e brasileira no que diz respeito às construções de topicalização e de deslocamento à esquerda. Para tanto, o autor utilizou como amostra um recente *corpus* de língua oral do Projeto *Concordância*, formado por entrevistas feitas com falantes brasileiros e portugueses no período de 2007 a 2010.

Sobre os deslocamentos à esquerda, Garcia (2014) encontra resultados diversos dos obtidos por Vasco. Ele mostra que são estruturas mais comuns no PB do que no PE, sendo 87% das ocorrências naquele sistema e apenas 13% nesse. Em ambos os sistemas predominam deslocamentos à esquerda cujo correferente está vinculado à função de sujeito. No PB, aproximadamente, 90% dos dados são de deslocamento à esquerda de sujeito e, no PE, cerca de 60% corresponde a essas estruturas. Essas construções estão, respectivamente, exemplificadas abaixo:

(26) **[o professor particular]<sub>i</sub> [ele]<sub>i</sub>** tem recurso. (Garcia 2014:109).

(27) **[o iphone que saiu em Portugal]<sub>i</sub> [aquilo]<sub>i</sub>** custa quinhentos euros. (Garcia 2014:109).

Em (26), o sintagma nominal *o professor particular* é retomado pelo pronome nominativo *ele* que é sujeito do verbo *ter*. Analogamente, em (27) o sintagma nominal complexo *o iphone que saiu em Portugal* é retomado pelo pronome demonstrativo *aquilo*, que também é sujeito, mas do verbo *custar*.

Ao realizar o cruzamento entre a estrutura do tópico e a estrutura do correferente, Garcia (2014) nota diferenças significativas entre a variedade brasileira e a europeia do português. No PE, quando o tópico é um elemento pronominal em função nominativa, predominam deslocamentos à esquerda de sujeito em que o tópico é retomado por um elemento pronominal idêntico, como se vê em (28). Quando o tópico é um SN, a retomada se faz preferencialmente por um demonstrativo, como em (27), não havendo ocorrências de deslocamento à esquerda de sujeito com retomada por pronome nominativo. Já no PB, dentre as várias estratégias, destaca-se a retomada do tópico por pronome nominativo de terceira pessoa, como visto em (26) e também em (29):

(28) **[eles]<sub>i</sub>** agora depois **[eles]<sub>i</sub>** vêem que ele é uma criança (Garcia 2014: 117).

(29) **[o colégio particular]<sub>i</sub> [ele]<sub>i</sub>** tem coisas boas (Garcia 2014: 115).



O trabalho de Garcia (2014) apresenta um panorama atualizado das construções de deslocamento à esquerda na fala de portugueses letrados e não letrados, sendo fundamental para análise dos nossos dados, ainda que esse trabalho seja de natureza diacrônica.

## **2. Pressupostos teórico-metodológicos**

### **2.1 Pressupostos teóricos**

#### **2.1.1 Teoria de Princípios e Parâmetros**

Entendemos que o comportamento e a frequência das construções de deslocamento à esquerda no PE são decorrência da marcação positiva para o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) e negativa para o Parâmetro do Objeto Nulo (PON). Desse modo, adotamos a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) para dar suporte às nossas hipóteses e respaldar a nossa análise.

Segundo tal teoria, relacionada aos estudos gerativistas, a linguagem é uma capacidade inata ao ser humano, que, segundo a metáfora do próprio Chomsky, se desabrocha e se desenvolve como uma flor. Nesse sentido, somos todos portadores de uma Gramática Universal composta por princípios, leis abstratas comuns a todas as línguas, e parâmetros, opções binárias de variação gramatical que diferenciam as línguas.

##### **2.1.1.1 Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) e Parâmetro do Objeto Nulo (PON)**

Acerca do Parâmetro do Sujeito Nulo, sabemos que o PE marca-o positivamente, sendo, portanto, descrito como uma língua de sujeito nulo (Mira Mateus *et al.*, 2003). Por outro lado, o Parâmetro do Objeto Nulo é marcado negativamente, optando-se por sentenças que expressam lexicalmente o argumento interno selecionado pelo predicador verbal, conseqüentemente a língua apresenta um sistema rico e produtivo de clíticos. Assim, confrontando-se PB e PE, trabalhos recentes apontam para divergências sintáticas, já que o PB, diferentemente do PE, é uma língua de sujeito nulo parcial e de objeto nulo. (cf. Duarte, 1993; Kato e Duarte, 2014).

Como indicam os trabalhos de Pontes (1987), Galves (1998) e Kato e Duarte (2014) sobre o PB, as distintas marcações para os Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo

configuram diferenças gramaticais entre PB e PE. Nesse sentido, há, na gramática europeia, restrições sintáticas em relação às construções de tópico marcado que não se verificam na gramática brasileira como mostra (30):

(30) \*Imagina que [**o João**]<sub>i</sub> o amigo dividiu [**com [ele]**]<sub>i</sub> os direitos de autor. (Galves 1998: 89).

Segundo Galves (1998), no PE, a sentença (30) é agramatical porque o tópico *o João* não pode ser retomado dentro da sentença comentário em contexto encaixado, ou seja, a retomada dentro de uma oração subordinada não é licenciada pelo PE. Contudo, no PB não encontramos tal restrição, como mostra o exemplo (31).

(31) Olha, eu acho que a [**violência**]<sub>i</sub>, [**ela**]<sub>i</sub> nasce com cada um... (Vasco 2006: 156).

### 2.1.2 Teoria de Estudo da Mudança

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968[2006]), a língua não é um objeto homogêneo e engessado a determinados usos, mas sim heterogêneo e dinâmico, apresentando, de forma inerente a variação, a qual, numa perspectiva diacrônica, pode levar a mudanças na sua gramática<sup>3</sup>. Sabemos também que esta variação ocorre de forma sistemática, sendo condicionada e favorecida pela interrelação de fatores linguísticos e sociais.

Tais autores entendem que o estudo da mudança linguística relaciona-se a cinco problemas, que devem ser investigados pelos linguistas: 1) *o da restrição*, que consiste no levantamento dos fatores que atuam no processo de mudança linguística; 2) *o da transição*, que se refere à descrição das etapas pelas quais passam as variantes linguísticas; 3) *o do encaixamento*, que focaliza a relação entre o fenômeno em estudo e outras mudanças em curso no sistema, já que uma mudança linguística é, em verdade, uma implicação de outras mudanças, isto é, as mudanças não ocorrem de maneira arbitrária, mas estão relacionadas; 4) *o da avaliação*, que investiga a avaliação feita pelo falante, já que variantes avaliadas negativamente tendem a desaparecer e 5) *o da implementação*, que delinea o percurso das mudanças.

---

<sup>3</sup> Gramática aqui é entendida como estado de saber que os falantes possuem sobre sua língua materna, correspondendo à parametrização da Gramática Universal (cf. Galves 1998:80).

### **2.1.3 Sociolinguística paramétrica ou variação paramétrica**

Segundo Ramos (1999), a Sociolinguística Paramétrica não figura uma adaptação da Sociolinguística de modo a assumir o arcabouço teórico gerativista. Mas configura um momento do estudo da variação em que, após a sistematização dos dados, se descrevem suas propriedades de maneira binária – presença/ausência; forte/fraco –, de maneira semelhante aos parâmetros do Gerativismo. Desse modo, trata-se de uma etapa do estudo da variação em que certas propriedades da língua passam do domínio intralinguístico para o interlinguístico e, portanto, são capazes de traçar distinções entre línguas.

Sendo assim, o estudo diacrônico aqui desenvolvido se alinha a esse método de trabalho. Em primeiro momento, pretende-se descrever e sistematizar as propriedades gramaticais que interessam à nossa análise por um viés quantitativo para, em seguida, verificar as circunstâncias que favorecem cada uso, já que a ocorrência de deslocamentos à esquerda está relacionada às marcações dos parâmetros do sujeito e objeto nulo no PE (cf. Garcia, 2014: 49); assim, nos interessa, também, investigar o encaixamento dos fenômenos sintáticos no PE.

### **2.1.4 A peça teatral no *continuum* dos gêneros textuais**

Conforme afirma Marcuschi (2001 e 2007), o ser humano pode ser definido como um ser que fala, e não um ser que escreve. Com isso, o autor não pretende que se valorize uma modalidade em detrimento da outra, mas, ao contrário, aponta para uma visão não dicotômica de fala e escrita. Afinal, há, entre elas, semelhanças e diferenças e o trabalho de identificação das características que compartilham ou que as individualizam deve ser feito com base num *continuum* de gêneros textuais, que remetem à língua em situações específicas de uso.

Sendo assim, Marcuschi (2007) propõe um *continuum* dos gêneros orais e escritos, estruturas que materializam os textos. A figura 1 apresenta a proposta do autor:

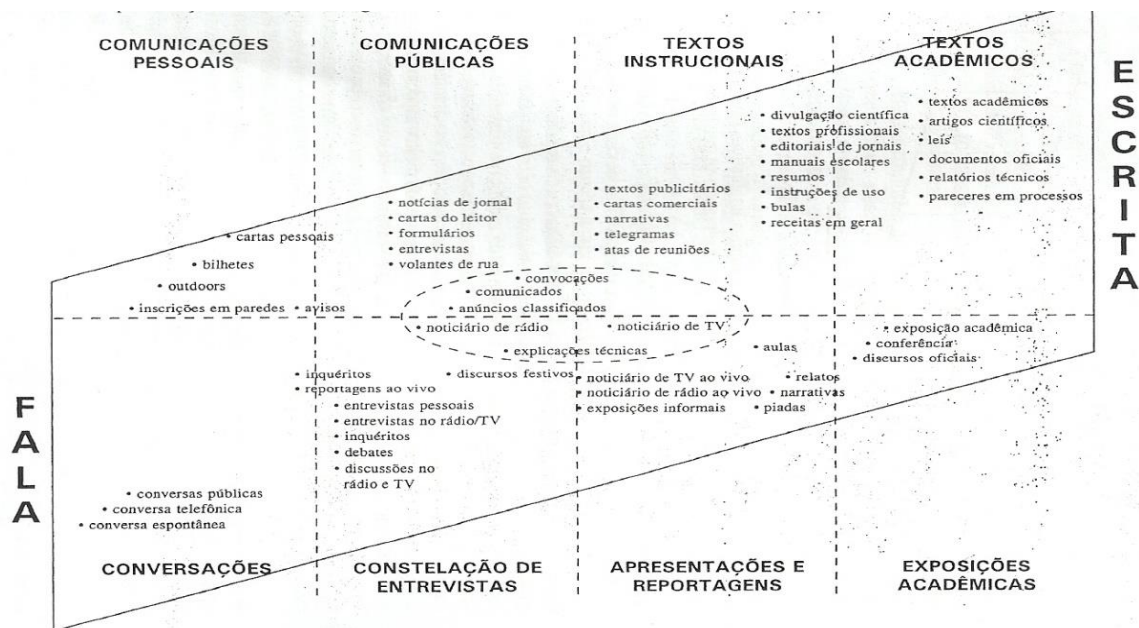


Figura 1: Os gêneros textuais no *continuum* fala - escrita (cf. Marcuschi, 2007:4)

Nesse *continuum*, as extremidades são ocupadas pelos gêneros textuais prototípicos da fala – como conversas espontâneas e gravações – e da escrita – como textos acadêmicos e bulas de remédio –, ou seja, os gêneros que apresentam mais marcadamente as características dessas modalidades.

Entre esses dois polos, porém, há uma série de outros gêneros híbridos, que mesclam características da fala e da escrita conforme a situação comunicativa. Um exemplo desses gêneros é a peça de teatro, visto que o autor produz um texto escrito que objetiva reproduzir as características da fala dos personagens, tendo em vista sua origem, seu grau de escolaridade, sua faixa-etária, entre outros aspectos sócio-econômico-culturais.

Para nosso trabalho, nos interessam os gêneros textuais híbridos, por refletirem, de forma mais evidente, eventuais mudanças em curso no sistema linguístico.

## 2.2 Procedimentos metodológicos

Este estudo segue os passos da Sociolinguística Quantitativa (Labov 1972 e 1994), constituindo-se em um estudo em tempo real de longa duração. Esta opção metodológica, contudo, não compreende as diferentes estratégias de construções de tópico marcado como variantes dependentes, isto é, não são formas alternantes entre si, como também não estão em variação com as construções de sujeito-predicado. Decorre, portanto, do fato de

acreditarmos que a análise quantitativa, com base em fatores linguísticos e sociais, nos permite identificar comportamentos linguísticos do sistema em investigação, levando-nos a detectar como a gramática de uma língua se comporta em relação a um micro ou macroparâmetro.

Assim, as etapas para a realização desse trabalho foram: 1<sup>a</sup>) coleta das construções de deslocamento à esquerda de tópico pendente e de deslocamento à esquerda clítico, presentes na amostra; 2<sup>a</sup>) definição dos fatores linguísticos e sociais para a análise dos deslocamentos à esquerda, tendo em vista trabalhos anteriores sobre o tema; 3<sup>a</sup>) codificação e submissão dos dados ao pacote de programas estatístico GOLDVARB 2001; 4) sistematização dos resultados e sua associação às hipóteses previamente estabelecidas.

### 2.2.1 A amostra

A amostra constitui-se de 67 peças teatrais escritas por autores portugueses ao longo dos séculos XIX e XX. Conforme ilustra a tabela 1, tais peças foram distribuídas em quatro períodos: **I**, primeira metade do século XIX; **II**, segunda metade do século XIX; **III**, primeira metade do século XX; **IV**, segunda metade do século XX.

PERÍODO	ANO	PEÇA	AUTOR
<b>I (1801 – 1850)</b>	1803	O Doutor Sovina	Manuel Rodrigues Maia
	1810	O vício sem máscara ou o filósofo da moda	José Agostinho de Macedo
	1812	Manuel Mendes	António Xavier Ferreira de Azevedo
	1819	As astúcias de Zanguizarra	Ricardo José Fortuna
	1825	O beato ardiloso	José Joaquim Bordalo
	1843	Uma cena de nossos dias	Paulo Midosi
	1844	Frei Luis de Sousa	Almeida Garret
	1846	Falar a verdade a mentir	Almeida Garret
	1847	Agostinho de Ceuta	Camilo Castelo Branco
	1848	Casar ou meter freira	António Pedro Lopes de Mendonça
1849	O marquês de torres novas	Camilo Castelo Branco	

	1849	Nem tudo o que luz é ouro	João de Andrade Corvo
<b>II (1851 – 1900)</b>	1855	Poesia ou dinheiro?	Camilo Castelo Branco
	1856	Justiça	Camilo Castelo Branco
	1857	Espinhos e Flores	Camilo Castelo Branco
	1857	A domadora de feras	Luís Augusto Palmeirim
	1858	Similia similibus	Júlio Dinis
	1859	O último acto	Camilo Castelo Branco
	1861	Abençoadas lágrimas	Camilo Castelo Branco
	1863	Inter duo litigantes...	Eduardo Garrido
	1865	J.R.	Luís de Araújo
	1865	O morgado de Fafe amoroso	Camilo Castelo Branco
	1868	Para as eleições	Júlio César Machado
	1865 – 1875	À hora do comboio	Salvador Marques
	1869	Guerra aos Nunes	Matos Moreira
	1870	A liberdade eleitoral	Teixeira de Vasconcelos
	1870	O condenado	Camilo Castelo Branco
	1871	Clero, nobreza e povo	César de Lacerda
	1871	Entre a flauta e a viola	Camilo Castelo Branco
	1874	Quem desdenha...	Pinheiro Chagas
	1879	Paris em Lisboa	Carlos de Moura Cabral
	1894	O festim de Baltasar	Gervásio Lobato
	1895	Fim de Penitência	Marcelino Mesquita
	1898	O beijo do infante	D. João Câmara
	1900	O lobisomem	Camilo Castelo Branco
<b>III (1901 – 1950)</b>	1902	O tio Pedro	Marcelino Mesquita
	1903	A festa da atriz	Jorge Santos
	1904	Terra mater	Augusto de Lacerda
	1905	Às feras	Manuel Laranjeira
	1905	Os degenerados	Mário Gollen
	1905	Os que furam	Emídio Garcia
	1908	Mater dolorosa	Júlio Dantas
	1908	O triunfo	Carrasco Guerra
	1910	O Camarim	Urbano Rodrigues e Vítor Mendes
	1912	O álcool	Bento Mântua
	1914	Cavalheiro Respeitável	André Brun
	1914	Cilada	Pedroso Rodrigues

	1915	A onda	Ponce de Leão
	1915	O marinheiro	Fernando Pessoa
	1919	Penélope	Abreu e Sousa
	1919	Antes de começar	Almada Negreiros
	1923	O doido e a morte	Raul Brandão
	1924	Judas	António Patrício
	1925	Viva da Costa!	Vasco Mendonça Alves
	1928	Lua-de-mel	Vitoriano Braga
	1928	O trivial	Chagas Roquete
	1928	A posição de Guerra	Branquinho da Fonseca
	1928	A mulher fatal	António Ferro
	1931	Continuação da Comédia	João Pedro de Andrade
	1931	Três gerações	Ramada Curto
	1934	A prima tança	Alice Ogando
	1945	Balada de outono	Carlos Selvagem
<b>IV (1951 – 2000)</b>	1954	A menina feia	Manuel Frederico Pressler
	1958	É urgente o amor	Luiz Francisco Rebello
	1958	Viagem a Damasco	Noberto Avila
	1961	Felizmente há luar	Luís de Sttau Monteiro
	1985	Duas comédias (Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante)	Luísa Costa Mendes

Tabela 1: Relação das peças teatrais portuguesas que constituem a amostra.

A diferença quanto ao número de peças em cada período se justifica pelo esforço em constituir uma amostra cujo número de palavras por período fosse semelhante. Verificamos que o tamanho das peças variava em cada um dos períodos e, diante disso, nossa opção metodológica foi buscar equilibrar o número de palavras por período a fim de evitar resultados equivocados acerca da frequência dos deslocamentos à esquerda. Para tanto, fizemos um cálculo aproximado da quantidade de palavras de cada peça, chegando, assim, ao número necessário de peças em cada período.

Optamos, neste estudo diacrônico, por fazer um recorte de cinquenta anos por período de tempo por entendermos que a metodologia quantitativa pressupõe a constituição de células que se assemelhem. Além disso, nossa hipótese é a de que não encontraremos mudança em curso no PE no que diz respeito às construções de deslocamento à esquerda.

## 2.2.2 Os grupos de fatores

Os fatores relacionados para a análise dos deslocamentos à esquerda no PE visam descrever o comportamento morfossintático (1, 2, 3, 5, 6, e 7), semântico (4) e social (8) dessas estruturas. Tendo sido contemplados por trabalhos anteriores sobre as construções de tópico no PB e no PE (cf. Vasco, 1999; Orsini e Vasco, 2007; Orsini e Paula, 2011 e Orsini, 2012), foram aqui refinados. São eles:

(1) *função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença comentário* – em particular, sobre os deslocamentos à esquerda, esse grupo analisa a função sintática do correferente no interior da sentença comentário, uma vez que esse elemento está vinculado ao tópico. As funções sintáticas a que esse elemento pode estar vinculado são sujeito (32), objeto direto (33), objeto indireto (34), oblíquo nuclear (35) e complemento nominal (36). Nossa hipótese é a de que, embora não haja restrições quanto à função sintática a que o tópico está vinculado, a frequência das estruturas no PE será diferente do PB, tendo em vista restrições sintáticas impostas pelo sistema.

(32) [**A tal visita de agradecimento ao general Lemos**]<sub>i</sub>: [**essa**]<sub>i</sub> não se pode evitar.

(Falar a verdade a mentir, Almeida Garret, 1846).

(33) [**O anel**]<sub>i</sub> aqui [**o**]<sub>i</sub> tendes, senhora D. Guiomar Coutinho. (*O marquês de Torres Novas*, 1849, Camilo Castelo Branco).

(34) [**A mim**]<sub>i</sub> sempre [**me**]<sub>i</sub> sucedem coisas! (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

(35) [**O Vicente**]<sub>i</sub> lembram-se [**d[o Vicente]**]<sub>i</sub> (*Felizmente há luar*, Luís de Sttau Monteiro, 1961).

(36) [**A Maria do Carmo**]<sub>i</sub>, exactamente, andava há imenso tempo para me lembrar do nome [**d[ela]**]<sub>i</sub>... (*A vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(2) *estrutura do tópico* – esse grupo diz respeito à classificação morfossintática do tópico. As estruturas encontradas são as seguintes: SN (37), SN complexo (núcleo nominal + modificador oracional) (38), SP (39), SP complexo (preposição + oração) (40), pronome demonstrativo (41), pronome nominativo de 1ª pessoa (42), pronome nominativo de 2ª pessoa (43) e oração (44).



(37) [**A injustiça e a tirania**]<sub>i</sub>, só [**as**]<sub>i</sub> sente quem anda na rua, (*Felizmente há luar*, Luís de Sttau Monteiro, 1961).

(38) [**Aqueles pedacinhos mais bonitos das coisas que já não serviam p'ra mais nada**]<sub>i</sub> guardava-[**os**]<sub>i</sub> ela pra me fazer a mim... (*Antes de começar*, Almada Negreiros, 1919).

(39) [**A mim**]<sub>i</sub> não [**me**]<sub>i</sub> escapa nada... (*Similia similibus*, Júlio Dinis, 1858).

(40) [**A ti que és boneco**]<sub>i</sub>, não [**te**]<sub>i</sub> fica mal levatares-te por tua própria iniciativa e sem que ninguém saiba... (*Antes de começar*, Almada Negreiros, 1919).

(41) E [**esse**]<sub>i</sub>...que está [**ele**]<sub>i</sub> a dizer à rapariga? (*O lobisomem*, Camilo Castelo Branco, 1900).

(42) [**Eu**]<sub>i</sub> parece-[**me**]<sub>i</sub> que foi pelo vosso beneplácito que viestes. (*Agostinho de Ceuta*, Camilo Castelo Branco, 1847).

(43) E [**tu**]<sub>i</sub> que [**te**]<sub>i</sub> importa atrás de quem eu ando! (*O lobisomem*, Camilo Castelo Branco, 1900).

(44) [**Curar o mal na origem**]<sub>i</sub>, [**isso**]<sub>i</sub> compete aos legisladores e aos moralistas. (*Às feras*, Manuel Laranjeira, 1905).

(3) *constituição interna do SN tópico* – baseado na descrição de Mateus *et al.* (2003), esse grupo descreve a constituição interna dos sintagmas nominais em posição de tópico. Há quatro possibilidades: SN nu (sem margem preenchida) (45), SN preenchido à esquerda (46), SN preenchido à direita (47) e SN preenchida à esquerda e à direita (48). Nossa hipótese é a de que o preenchimento à esquerda é mais recorrente, não havendo restrições.

(45) [**Sangria**]<sub>i</sub> dava-[**ta**]<sub>i</sub> eu, a ti e a toda essa cambada... (*O festim de Baltasar*, Gervásio Lobato, 1894).

(46) [**As cartas**]<sub>i</sub>, ei-[**las**]<sub>i</sub> aqui... (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

(47) [**Braço de homicida**]<sub>i</sub> não vo-[**lo**]<sub>i</sub> ; dou. (*O marquês de Torres Novas*, Camilo Castelo Branco, 1849).

(48) E [**os fantoches teatrais**]<sub>i</sub>, [**esses**]<sub>i</sub>, podem elevar-se acima dos homens, continuar uma vida independente das intenções do autor. (*Continuação da comédia*, João Pedro de Andrade, 1931).

(4) *referencialidade do SN tópico* – também dedicado aos sintagmas nominais na posição de tópico, esse grupo investiga-os em relação aos traços semânticos *animacidade* e *especificidade*. Quanto à animacidade, o SN tópico pode ser [+humano] (49) ou [-animado] (50) e, quanto à especificidade, [+específico] (51) ou [-específico] (52). Em relação a esse grupo de fator, esperamos restrições quanto à referencialidade do sintagma nominal nos casos de deslocamento a esquerda de tópico pendente vinculado à função de sujeito.

(49) [**Esse astrólogo da Corte**]<sub>i</sub> não sei se alguma legislação, alguma determinação califina, [**o**]<sub>i</sub> impede... (*Viagem a Damasco*, Noberto Avila, 1958).

(50) Pois guarde, guarde, e [**o resto**]<sub>i</sub> quem viver [**o**]<sub>i</sub> verá. (*As astúcias de Zanguizarra*, Ricardo José Fortuna, 1819).

(51) [**O seu pai**]<sub>i</sub> conheci-**[o]**<sub>i</sub> eu, muito bem... (*Balada de outono*, Carlos Selvagem, 1945).

(52) [**Estes doutorinhos de agora**]<sub>i</sub> qualquer teia de aranha [**os**]<sub>i</sub> embaraça. (*O doutor sovina*, Manuel Rodrigues Maia, 1803).

(5) *configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico* – este grupo objetiva investigar prováveis restrições sintáticas que envolvem as ocorrências de deslocamento à esquerda no PE, visto que os diferentes tipos de deslocamento à esquerda se comportam de maneira diferente em relação à possibilidade de estabelecerem vínculo sintático com constituintes no interior de ilhas sintáticas (cf. seção 1.2). Desse modo, nossa hipótese é a de confirmar tal comportamento. São consideradas duas possibilidades: adjacência sintática entre tópico e correferente (tanto em período simples quanto em contexto encaixado) e ausência de adjacência sintática entre tópico e correferente (tópico na sentença matriz e correferente no interior de uma oração subordinada ou em uma estrutura de (pseudo)clivagem. Tais configurações estão respectivamente exemplificadas em (53) e (54):

(53) [**Esses versos** <sub>i</sub>, tenho-**[os]**]<sub>i</sub> eu no meu álbum. (*Nem tudo que luz é ouro*, João de Andrade Corvo, 1849).

(54) Ela deve saber: mas [**essa ciência**]<sub>i</sub> há somente uns lábios que [**a**]<sub>i</sub> podem dizer aos ouvidos de uma filha: os de sua mãe. (*Fim da penitência*, Marcelino Mesquita, 1895).

(6) *estrutura do correferente* – este grupo classifica a natureza do correferente que se vincula ao tópico. Foram encontradas as seguintes estruturas: sintagma nominal (55), SP (56); forma pronominal átona em função acusativa (57), forma pronominal átona em função dativa (58), forma pronominal tônica em função nominativa (terceira pessoa) (59), pronome demonstrativo (60) e pronome indefinido (61):

(55) [**A viscondessa de Pimentel**]<sub>i</sub> Como atura Vossa Excelência [**esta arara de conserva**]<sub>i</sub>. (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luisa Costa Mendes, 1985).

(56) [**A Maria do Carmo**]<sub>i</sub>, exactamente, andava há imenso tempo para me lembrar do nome [**d[ela]**]<sub>i</sub>... (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luisa Costa Mendes, 1985).

(57) [**Esse**]<sub>i</sub> trouxe-**[o]**<sub>i</sub> o senhor agora de fóra, não? (*A domadora de feras*, Luís Augusto Palmeirim, 1857).

(58) [**àquele**]<sub>i</sub> nunca mais ninguém [**lhe**]<sub>i</sub> confia o dinheiro... (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luisa Costa Mendes, 1985).

(59) E [**o menino**]<sub>i</sub> que se lhe importa que [**ele**]<sub>i</sub> converse com ela? (*O Morgado de Fafe Amoroso*, Camilo Castelo Branco, 1865).

(60) [**A capela**]<sub>i</sub>, [**essa**]<sub>i</sub> está intacta. (*O vício sem máscaras ou filósofo da moda*, José Agostinho de Macedo, 1810).

(61) E [**sapatos de verniz, salto alto**]<sub>i</sub>... não se arranja [**nada**]<sub>i</sub> por menos de quê? (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luisa Costa Mendes, 1985).

Nossa hipótese é a de que o PE apresenta restrições quanto à estrutura do correferente, diferenciando-se do PB.

(7) *natureza do material interveniente* – havendo a presença de material interveniente entre o tópico e o comentário, investigamos quais materiais linguísticos se interpõem. Nossa hipótese é a de que a presença de material interveniente favorece a retomada por um correferente expresso, fator que, então, contribui para a ocorrência de construções de deslocamento à esquerda. Foram encontrados dados com oração (62), expressão adverbial (63), vocativo (64) e aposto (65).

(62) [Todos os sacrifícios que fizer]<sub>i</sub>, pensarei que [Ø]<sub>i</sub> são por ti e desde já [os]<sub>i</sub> aceito... (*É urgente o amor*, Luiz Francisco Rebello, 1958).

(63) [Isso]<sub>i</sub> já [o]<sub>i</sub> sabeis. (*Viagem a Damasco*, Noberto Avila, 1958).

(64) mas enquanto guardava as cartas que me dirigiam nessa carteira, à vista de todos, [as tuas]<sub>i</sub>, Livínia, reservava-[as]<sub>i</sub> só para mim, resguardava-[as]<sub>i</sub> dos olhares profanos. (*Similia similibus*, Júlio Dinis, 1858).

(65) [A minha opinião]<sub>i</sub>, a que te interessa, já [a]<sub>i</sub> sabes. (*Continuação da comédia*, João Pedro de Andrade, 1931).

(8) *período de tempo* – este grupo avalia a que período cronológico pertence cada um dos dados. Tendo em vista a divisão utilizada em nossa amostra, estabelecemos quatro segmentações: primeira metade do século XIX, segunda metade do século XIX, primeira metade do século XX e segunda metade do século XX. Nossa hipótese é a de que a distribuição das ocorrências se mantenha estável ao longo do tempo, uma vez que não se detectam mudanças sintáticas em curso no PE.

## 2.3 Objetivos e hipóteses

### 2.3.1 Objetivos

Diante do que foi dito, esse trabalho objetiva descrever a trajetória das construções de deslocamento à esquerda (DE) no PE nos séculos XIX e XX com base numa amostra constituída de peças teatrais portuguesas, investigando aspectos morfossintáticos e semânticos dessas estruturas. A escolha do gênero peça teatral se justifica por entendermos que esse gênero é híbrido, ocupando posição intermediária no *continuum* fala - escrita apresentado por Marchuschi (2007).

Desse modo, pretendemos comparar nossos resultados aos de outros trabalhos que se dedicam ao estudo dos deslocamentos à esquerda no Português Europeu – Vasco (1999) e Garcia (2014) – e verificar as restrições sintáticas apresentadas por Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et al.* (2013).

### 2.3.2 Hipóteses

Tendo em vista os trabalhos de Vasco (1999) e Garcia (2014), esperamos encontrar mais ocorrências de DE clítico do que de DE tópico pendente, devido ao fato de o PE ser uma língua [- objeto nulo], possuindo um produtivo sistema de clíticos (cf. Duarte, Freire e Vasco, 2003). Sobre os deslocamentos à esquerda de tópico pendente, não esperamos encontrar ocorrências de sujeitos deslocados à esquerda com um correferente pronominal de função nominativa como no PB devido às restrições sintáticas que o PE impõe. Para esse tipo de construção, esperamos que a retomada seja feita por outro SN ou por um pronome de outra natureza, como um demonstrativo. Além disso, esperamos comprovar os impedimentos sintáticos das descrições de Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et. al.* (2013).

### 3. Análise dos dados

#### 3.1. Distribuição geral dos dados

O gráfico 1 apresenta a distribuição percentual do total das ocorrências de deslocamento à esquerda, revelando que os deslocamentos à esquerda clítico correspondem a 81% dos dados, contra 19% de deslocamento à esquerda de tópico pendente.

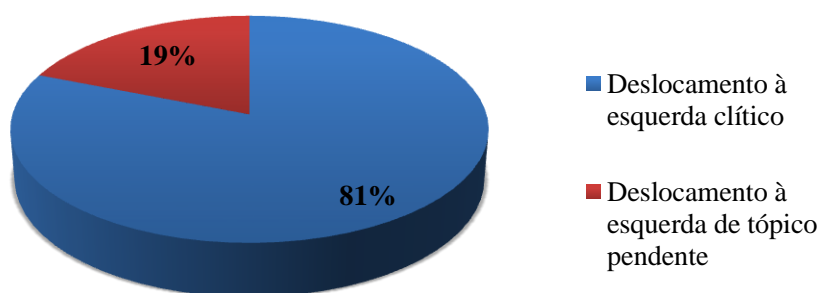


Gráfico 1: distribuição percentual das ocorrências de deslocamento à esquerda.

O gráfico 2, por sua vez, apresenta a distribuição percentual dos tipos de deslocamento à esquerda por período.

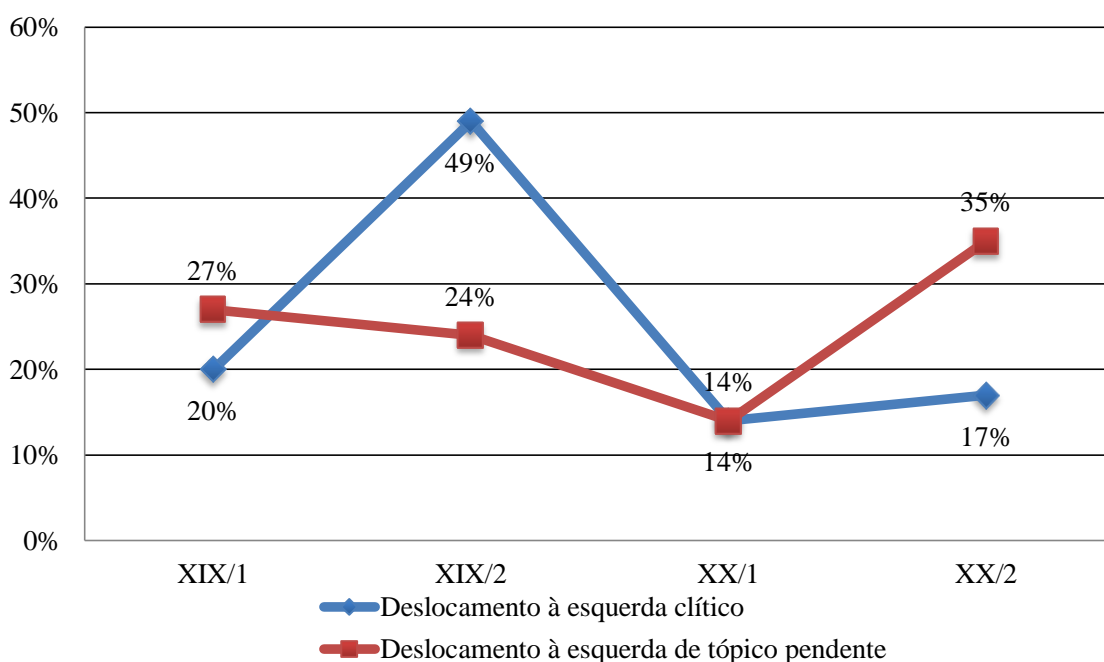


Gráfico 2: distribuição percentual dos tipos de deslocamento à esquerda por período

O gráfico 2 nos mostra que, em relação às ocorrências de deslocamento à esquerda de tópico pendente, apesar do pequeno número de dados, a segunda metade do século XX apresenta um aumento percentual significativo, se comparado aos percentuais dos três períodos anteriores. Por outro lado, a frequência das construções de deslocamento à esquerda clítico se mantém estável ao longo dos séculos, alcançando um pico percentual de 49% na segunda metade do século XIX.

Nas seções que se seguem, trataremos separadamente de cada tipo de deslocamento à esquerda, descrevendo suas características morfossintáticas e semânticas.

### 3.2. Deslocamentos à esquerda de tópico pendente

Em termos absolutos, foram encontradas 34 construções de deslocamento à esquerda de tópico pendente, correspondendo a 19% do total de dados. A segunda metade do século XX concentra o maior número de dados, alcançando 49%. No que tange à função sintática a que o tópico se vincula no interior do comentário, a tabela 2 reúne os percentuais obtidos.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Sujeito</b>	4	45	3	37	4	80	5	41
<b>Objeto direto</b>	2	22	1	13	1	20	2	17
<b>Objeto indireto</b>	2	22	3	37	-	-	1	8
<b>Complemento nominal</b>	-	-	-	-	-	-	2	17
<b>Oblíquo nuclear</b>	1	11	1	13	-	-	2	17
<b>Total</b>	9	100	8	100	5	100	12	100

Tabela 2: distribuição percentual das ocorrências de deslocamentos à esquerda de tópico pendente conforme a função sintática a que o tópico está vinculado.

A partir da tabela 2, verificamos que não há restrições quanto à função sintática a que o tópico se vincula no PE; contudo, predominam deslocamentos à esquerda de tópico pendente de sujeito, que configuram os maiores percentuais em todos os períodos, seguidos pelos deslocamentos à esquerda de tópico pendente de complemento (objeto direto e objeto

indireto). As construções em que o tópico está vinculado a um correferente na função de complemento nominal ou oblíquo nuclear são raras na amostra. A seguir, exemplificamos todas as estruturas:

(66) Pois [**a patroa cá de casa**]<sub>i</sub>, [**essa**]<sub>i</sub> sei eu que se porta bem, posso garantir-lho...  
(*O trivial*, Chagas Roquete, 1928).

(67) E [**as árvores**]<sub>i</sub> quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu [**árvores**]<sub>i</sub>...  
(*Felizmente há luar*, Luís Sttau de Monteiro, 1961).

(68) Também há muito banco choco, com a diferença de que [**as galinhas**]<sub>i</sub>, o choco passa [**lhes**]<sub>i</sub> e tornam a pôr, dar dividendos.. (*O festim de Baltasar*, Gervásio Lobato, 1894).

(69) [**A Maria do Carmo**]<sub>i</sub>, exactamente, andava há imenso tempo para me lembrar do nome [**dela**]<sub>i</sub>... (*Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(70) [**O Vicente**]<sub>i</sub> lembram-se [**d[o Vicente]**]<sub>i</sub>? (*Felizmente há luar*, Luís Sttau de Monteiro, 1961).

O exemplo (66) mostra o tópico *a patroa cá de casa* retomado no interior da sentença comentário pelo pronome demonstrativo *essa*, que exerce a função sintática de sujeito. Em nossa amostra, verificamos que os casos de deslocamento à esquerda de tópico pendente que se vinculam a função sintática de sujeito frequentemente são retomados por pronomes demonstrativos. Em contrapartida, estudos sobre deslocamentos à esquerda de tópico pendente no PB apontam que, nesses casos, a principal estratégia de retomada é o pronome nominativo (cf. Orsini, 2012).

A tabela 3 apresenta a distribuição percentual dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente segundo a estrutura morfossintática do tópico.



	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>SN (simples ou complexo)</b>	7	77	5	56	4	80	10	84
<b>SP</b>	1	13	-	-	-	-	-	-
<b>Oração</b>	-	-	1	11	1	20	1	8
<b>Pron. nom. (1ª ou 2ª p)</b>	-	-	2	22	-	-	1	8
<b>Pron. demons.</b>	-	-	1	11	-	-	-	-
<b>Total</b>	8	100	9	100	5	100	12	100

Tabela 3: distribuição percentual das ocorrências de deslocamento à esquerda de tópico pendente conforme a estrutura do tópico.

A partir dos dados da tabela 3, verificamos que o tópico é preferencialmente um SN, em todos os períodos, podendo ocorrer outras estruturas, ainda que com baixas frequências: oração (71), pronome nominativo (72) e pronome demonstrativo (73).

(71) **[Que as personagens, por motivos da acção e da intriga, se possam, em qualquer momento, engalfinhar]<sub>i</sub>, [isso]<sub>i</sub>** já não é da minha conta. (*Viagem a Damasco*, Noberto Avila, 1958).

(72) **[Eu]<sub>i</sub>** parece-**[me]<sub>i</sub>** que foi pelo vosso beneplácito que viestes. (*Agostinho de Ceuta*, Camilo Castelo Branco, 1847).

(73) E **[esse]<sub>i</sub>...** que está **[ele]<sub>i</sub>** a dizer à rapariga? (*O lobisomem*, Camilo Castelo Branco, 1900).

Em (71), o tópico oracional *que as personagens, por motivos da acção e da intriga, se possam, em qualquer momento, engalfinhar* é retomado no interior da sentença comentário pelo pronome demonstrativo invariável *isso*, frequentemente usado para a retomada de proposições. Em (73), observamos um pronome demonstrativo sendo retomado no comentário por um nominativo, estrutura pouco comum.

No exemplo (72), o pronome nominativo *eu* é gerado na posição à esquerda da oração matriz, assim como ocorre nos deslocamentos à esquerda, sendo retomado pelo

pronome *me* em conformidade com os traços de pessoa e número, tratando-se, portanto, de um caso de deslocamento à esquerda de tópico pendente.

Uma vez que o SN é a estrutura mais recorrente na posição de tópico, nas construções de deslocamento à esquerda de tópico pendente, optamos por observar como este SN costuma ser retomado no interior da sentença comentário. A principal estratégia de retomada de um SN tópico nos deslocamentos à esquerda de tópico pendente é o pronome demonstrativo, como mostra o exemplo (74), alcançando 50% do total das ocorrências.

(74) O mal que ele faz é por moda... todos assim são... e **[o bem que ele faz]**<sub>i</sub>, que é muito, **[esse]**<sub>i</sub>, minha senhora, não é moda que pegue. (*Falar a verdade a mentir*, Almeida Garret, 1846).

Em (74), o sintagma nominal *o bem que ele faz* é retomado pelo pronome demonstrativo *esse*, que é projetado pelo predicador *moda que pegue*. Vale destacar que, em nossa amostra, das 13 ocorrências de sintagmas nominais retomados por pronome demonstrativos, 11 (85%) configuram estruturas em que esse pronome demonstrativo desempenha a função de sujeito.

As demais ocorrências revelam que o correferente pode ser um pronome indefinido (75), um pronome em função nominativa (76), um pronome em função dativa (77), um sintagma nominal (78) e também um sintagma preposicional (79).

(75) E **[sapatos de verniz, salto alto]**<sub>i</sub>... não se arranja **[nada]**<sub>i</sub> por menos de quê? (*A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(76) **[A mentira]**<sub>i</sub> Deus sabe onde **[ela]**<sub>i</sub> está. (*O beijo do infante*, D. João Câmara, 1898).

(77) Mas **[o menino]**<sub>i</sub> deram-**[lhe]**<sub>i</sub> umas dores pela barriga.. (*Astúcias de Zanguizarra*, Ricardo José Fortuna, 1819).

(78) E **[as árvores]**<sub>i</sub> quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu **[árvores]**<sub>i</sub>... (*Felizmente há luar*, Luís Sttau de Monteiro, 1961).

(79) **[O Vicente]**<sub>i</sub> lembram-se **[d[o Vicente]]**<sub>i</sub>? (*Felizmente há luar*, Luís Sttau de Monteiro, 1961).

Focalizando as duas ocorrências em que o SN tópico é retomado por um pronome nominativo, notamos que esse tipo de retomada só ocorre quando o correferente é sujeito de

uma oração subordinada, não havendo, portanto, adjacência sintática entre o tópico e o correferente. Nos casos em que há adjacência sintática, a retomada se dá por meio de um pronome demonstrativo.

No que tange à constituição interna do SN tópico, a tabela a seguir apresenta os percentuais obtidos para cada período.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
SN preenchido à esquerda	3	43	4	80	2	50	4	40
SN preenchido à direita	1	14	-	-	-	-	2	20
SN preenchido à esquerda e à direita	3	43	1	20	2	50	2	20
SN sem margem preenchida	-	-	-	-	-	-	2	20
<b>Total</b>	7	100	5	100	4	100	10	100

Tabela 4: distribuição percentual dos SNs tópico segundo sua constituição interna nos deslocamentos à esquerda de tópico pendente.

A tabela 4 revela que, em todos os períodos, predominam SNs com margem preenchida (81). Há apenas duas ocorrências de SN nu, ou seja, sem margem preenchida, ambas no período IV (82).

(81) **[um veículo daquele tamanho]<sub>i</sub>**, **[aquilo]<sub>i</sub>** é um senhor automóvel. (*Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(82) Mas as outras, senhores - **[Cadija, Amina, Rucaila]<sub>i</sub>** -, **[isso]<sub>i</sub>** é que eram mulheres! (*Viagem a Damasco*, Noberto Ávila, 1958).

Em (81), o sintagma nominal *um veículo daquele tamanho* tem o seu núcleo *veículo* preenchido à esquerda pelo determinante *um* e à direita pelo modificador *daquele tamanho*. O exemplo (82), por sua vez, não apresenta elementos nem à esquerda, nem à direita dos núcleos *Cadija*, *Amina* e *Rucaila*.

Quanto à referencialidade do SN tópico, os resultados estão dispostos na tabela 5.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
[+humano, +específico]	2	28	2	40	2	50	3	30
[+humano, -específico]	-	-	1	20	1	25	-	-
[-animado, +específico]	4	58	-	-	-	-	4	40
[-animado, -específico]	1	14	2	40	1	25	3	30
<b>Total</b>	7	100	5	100	4	100	10	100

Tabela 5: distribuição percentual dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente conforme a referencialidade do SN tópico.

Constatamos que, no que tange ao traço de animacidade, na primeira metade do século XIX e na segunda metade do século XX, predominam sintagmas nominais [-animados] e, quanto à especificidade, [+específicos], como no exemplo (83). Já na segunda metade do século XIX, o SN é [+humano] e [+específico], como em (84), ou [-animado] e [-específico], como no exemplo (85). No período 3, 50% das ocorrências possuem SN [+humano] e [+específico].

(83) Mas **[os pianos Sakamura]<sub>i</sub>**, **[esses]<sub>i</sub>**, já vão amestrados. (*Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(84) **[A viscondessa de Pimentel]<sub>i</sub>** como atura Vossa Excelência **[esta arara de conserva]<sub>i</sub>**. (*O condenado*, Camilo Castelo Branco, 1870).

(85) E **[os fantoches teatrais]<sub>i</sub>**, **[esses]<sub>i</sub>**, podem elevar-se acima dos homens, continuar uma vida independente das intenções do autor. (*Continuação da Comédia*, João Pedro de Andrade, 1931).

Na tabela 6, observamos a distribuição dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente de acordo com a configuração sintática em que ocorre a estrutura.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Tópico e correferente com adjacência sintática</b>	8	88	5	62	5	100	10	83
<b>Tópico e correferente sem adjacência sintática</b>	1	12	3	38	-	-	2	17
<b>Total</b>	9	100	8	100	5	100	12	100

Tabela 6: distribuição percentual das ocorrências de deslocamento à esquerda de tópico pendente conforme a configuração sintática da estrutura.

Os resultados confirmam a descrição de Raposo *et al.* (2013) sobre o comportamento das estruturas em foco em relação à configuração sintática (cf. seção 1.2) na medida em que, em todos os períodos observados, predominam dados em que tópico e correferente se encontram adjacentes (86). Ainda em consonância com tal descrição, identificamos a ausência de restrição sintática, já que detectamos dados em que não há adjacência sintática entre tópico e seu correferente, como em (87).

(86) [A tal visita de agradecimento ao general Lemos]<sub>i</sub>: [essa]<sub>i</sub> não se pode evitar. (*Falar a verdade a mentir*, Almeida Garret, 1846).

(87) [A Maria do Carmo]<sub>i</sub>, exactamente, andava há imenso tempo para me lembrar do nome [dela]<sub>i</sub>... (*Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

O exemplo (86) ilustra as estruturas em que tópico e seu correferente estão em um período simples; logo, adjacentes. Em (87), o tópico *a Maria do Carmo* está na oração principal, sendo, portanto, externo à oração subordinada adverbial introduzida pelo conector *para*; porém, seu correferente – o SP *dela* – está no interior dessa oração subordinada. Desse modo, essa estrutura, conforme postulam Raposo *et al.* (2013), não se mostra sensível a ilhas sintáticas, uma vez que o tópico estabelece vinculação sintática com um elemento no interior de uma ilha forte, ou seja, uma oração subordinada adverbial.

Embora Raposo *et al.* (2013) e Brito, Duarte e Mattos (2003) não afirmem haver impedimento para essas construções em contexto encaixado, o trabalho de Galves (1998)

mostra que os deslocamentos à esquerda de tópico pendente nessa configuração sintática são agramaticais:

(88) \*Imagina que [**o João**]<sub>i</sub> o amigo dividiu [**com [ele]**]<sub>i</sub> os direitos de autor. (Galves 1998: 89).

Entretanto, em nossa amostra, encontramos uma ocorrência em contexto encaixado, isto é, o tópico e seu correferente estão no interior de uma oração subordinada, transcrita em (89).

(89) Também há muito banco choco, com a diferença de que [**as galinhas**]<sub>i</sub> , o choco passa-**[lhes]**<sub>i</sub> e tornam a pôr, dar dividendos.. (*O festim de Baltasar*, Gervásio Lobato, 1894).

Em (89), o tópico *as galinhas* e o correferente *lhes* estão dentro da oração subordinada completiva de nome introduzida por *de que*.

Do total das ocorrências de deslocamento à esquerda de tópico pendente, apenas sete dados (20,5%) apresentaram material interveniente. A tabela 7 reúne a distribuição percentual por período.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Oração</b>	1	50	1	100	-	-	1	33
<b>Expressão adverbial</b>	1	50	-	-	-	-	2	67
<b>Total</b>	3	100	1	100	-	-	3	100

Tabela 7: distribuição percentual dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente conforme a natureza do material interveniente.

Só foi encontrado material interveniente de natureza oracional (90) e adverbial (91).

(90) [**sombrero, sol, papo para o ar**]<sub>i</sub>, não sei se estás a ver... [**isso**]<sub>i</sub> é para os velhos como nós... (*Um filho*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(91) Ah, e [a bolsinha]<sub>i</sub>, já cá faltava [a bolsinha]<sub>i</sub>... (*Um filho e A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

Em (90), a oração *não sei se estás a ver se interpõe ao tópico *sombbrero, sol, papo para o ar* e seu correferente *isso*. Já em (91), o material interveniente são as expressões adverbiais *já e cá*. A baixa frequência de material interveniente aponta para a negação da tese de que a retomada lexical decorre da necessidade de o falante recuperar o referente em função da distância entre o tópico e o correferente.*

Na seção 3.3, vamos tratar dos deslocamentos à esquerda clítico.

### 3.3. Deslocamentos à esquerda clítico

As construções de deslocamento à esquerda clítico foram bastante frequentes nesta amostra, alcançando 145 dados, o que corresponde a 81% dos dados. A alta frequência de ocorrências é um efeito colateral do fato de o PE marcar negativamente o Parâmetro do Objeto Nulo, possuindo um sistema pronominal bastante rico.

Na tabela 8, apresentamos a distribuição dos deslocamentos à esquerda clítico conforme a função sintática a que o tópico se vincula no interior do comentário.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Objeto direto</b>	26	90	52	74	15	71	21	84
<b>Objeto indireto</b>	3	10	18	26	6	29	4	16
<b>Total</b>	29	100	70	100	21	100	25	100

Tabela 8: distribuição percentual das ocorrências de deslocamentos à esquerda clítico conforme a função sintática a que o tópico está vinculado.

Tendo em vista que os clíticos somente podem exercer função acusativa ou dativa, eram esperadas somente duas funções sintáticas a que o tópico se vincula: objeto direto e objeto indireto. Notamos que predominam, em todos os períodos pesquisados, estruturas em que o tópico está vinculado a um clítico que exerce função sintática de objeto direto (92). Entretanto, também ocorrem construções com vínculo sintático do tópico a um clítico dativo, isto é, à função de objeto indireto (93).

(92) [**o gin tônico**]<sub>i</sub>, já [**to**]<sub>i</sub> dei... (*Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*, Luísa Costa Mendes, 1985).

(93) [**A mim**]<sub>i</sub> sucedem-**[me]**<sub>i</sub> coisas que não sucedem a pessoa alguma! (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

A maior frequência de deslocamentos à esquerda clítico cujo tópico está vinculado a um clítico acusativo está relacionada à estrutura morfossintática do tópico. Predominam tópicos sob a forma de sintagmas nominais, conforme se verifica na tabela 9, que traz o cruzamento entre a estrutura do tópico e a estrutura do correferente.

	Clítico acusativo		Clítico dativo	
	OCO	%	OCO	%
<b>SN</b>	95	81	-	-
<b>SP</b>	11	9	28	100
<b>Pron. demons.</b>	9	8	-	-
<b>Oração</b>	2	2	-	-
<b>Total</b>	117	100	28	100

Tabela 9: distribuição percentual do cruzamento da estrutura do tópico x estrutura do correferente nos deslocamentos à esquerda clítico.

A tabela 9 evidencia que SNs são retomados pelo clítico acusativo, na função de objeto direto (92), enquanto SPs, pelo clítico dativo, na função de objeto indireto (94). Quanto às ocorrências de deslocamento à esquerda de clítico em função acusativa, o tópico pode assumir ainda a estrutura de pronome demonstrativo (95) e oração (96); porém, com frequências muito baixas.

(94) E [**às mulheres dos meus camaradas**]<sub>i</sub> sempre [**lhes**]<sub>i</sub> fiz a caridade. (*As astúcias de Zanguizarra*, Ricardo José Fortuna, 1819).

(95) [**Isso**]<sub>i</sub> deixe-**[o]**<sub>i</sub> pela minha conta; eu arranjaréi tudo. (*O morgado de Fafe Amoroso*, Camilo Castelo Branco, 1865).

(96) [**o que o meu coração sente**]<sub>i</sub>, eu cá [**o**]<sub>i</sub> sei. (*O morgado de Fafe Amoroso*, Camilo Castelo Branco, 1865).



Vale assinalar que, entre as ocorrências de construções de deslocamento à esquerda clítico em função acusativa, há oito casos de SP introduzido pela preposição *a* com o traço [+ humano], estrutura prevista por Raposo *et al.* (2013), como ilustra (97):

(97) Também eu; mas há uma diferença entre nós, e vem a ser que ela a mim não me conhece, e provavelmente **[ao senhor]<sub>i</sub>** ama-**[o]<sub>i</sub>**. (*Entre a flauta e viola*, Camila Castelo Branco, 1871).

Focalizando apenas as ocorrências de deslocamento à esquerda clítico em que o tópico é um sintagma nominal, a tabela 10 reúne os percentuais obtidos para a sua constituição interna.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>SN preenchido à esquerda</b>	15	56	26	69	9	69	10	55
<b>SN preenchido à direita</b>	1	4	-	-	-	-	-	-
<b>SN preenchido à esquerda e à direita</b>	8	32	8	21	4	31	8	45
<b>SN sem margem preenchida</b>	2	8	4	10	-	-	-	-
<b>Total</b>	26	100	38	100	13	100	18	100

Tabela 10: distribuição percentual dos SNs tópico nos deslocamentos à esquerda clítico segundo sua constituição interna.

Analisando a tabela 10, percebemos que, em todos os períodos, mais da metade dos sintagmas nominais tópicos são preenchidos à esquerda (98). Sintagmas nominais preenchidos à esquerda e à direita (99) também ocorrem em todos os períodos, mas com baixa frequência. Nomes nus (100), ou seja, sem margem preenchida, se restringem, em nossa amostra, ao século XIX.

(98) [**O diálogo**]<sub>i</sub> vamos tê-**[lo]**<sub>i</sub> se a Sr.<sup>a</sup> D. Luísa estiver de acordo. (*A menina feia*, Manuel Frederico Pressler, 1954).

(99) [**As minhas palavras presentes**]<sub>i</sub>, mal eu **[as]**<sub>i</sub> digo, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais.. (*O marinheiro*, Fernando Pessoa, 1915).

(100) [**Alcunhas**]<sub>i</sub> não **[nas]**<sub>i</sub> quero. (*O condenado*, Camilo Castelo Branco, 1870).

Ainda tratando dos sintagmas nominais, na tabela 11, apresentamo-los conforme sua referencialidade.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
[+humano, +específico]	5	19	4	10	3	23	2	11
[+humano, - específico]	3	11	2	5	-	-	-	-
[-animado, + específico]	9	35	19	50	7	54	14	78
[-animado, - específico]	9	35	13	35	3	23	2	11
<b>Total</b>	26	100	38	100	13	100	18	100

Tabela 11: distribuição percentual dos deslocamentos à esquerda clítico conforme a referencialidade do SN tópico.

A tabela 11 mostra que, em todos os períodos, predominam sintagmas nominais [-animados], sejam os referentes [+ específicos] (101), sejam [- específicos] (102). Também ocorrem, em menor número, sintagmas [+humanos, +específicos], como em (103), e, restritos ao século XIX, sintagmas [+humano, - específicos] (104).

(101) Mas **[o seu coração]**<sub>i</sub> ainda ninguém **[o]**<sub>i</sub> bispou. (*Manuel Mendes*, António Xavier Ferreira de Azevedo, 1812).

(102) [**A prudência**]<sub>i</sub> recomendo-**[lha]**<sub>i</sub> eu, cavalheiro... (*Poesia ou Dinheiro*, Camilo Castelo Branco, 1855).

(103) [**Ao senhor**]<sub>i</sub> escolhi-**[o]**<sub>i</sub> para morrer comigo. (*O doido e a morte*, Raul Brandão, 1923).

(104) [A mulher, que houver de ser minha]<sub>i</sub>, hei de conquista-[la]<sub>i</sub> palmo a palmo com as armas do sentimentalismo poético. (*Entre a flauta e a viola*, Camilo Castelo Branco 1871).

Na tabela 12, os deslocamentos à esquerda clítico estão dispostos segundo a configuração sintática em que ocorre a estrutura.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Tópico e correferente com adjacência sintática</b>	24	83	62	89	18	85	16	64
<b>Tópico e correferente sem adjacência sintática</b>	5	17	8	11	3	15	9	36
<b>Total</b>	29	100	70	100	21	100	25	100

Tabela 12: distribuição percentual das ocorrências de deslocamento à esquerda clítico conforme a configuração sintática da estrutura.

A tabela 12 mostra que, em todos os períodos da amostra, predominam deslocamentos à esquerda clítico em que o tópico e o correferente estejam adjacentes, inclusive em contexto encaixado (105), configuração licenciada por Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et al.* (2013), desde que ocorra no interior de uma oração subordinada finita (cf. Raposo *et al.* 2013:415).

(105) E olhe que [os negócios]<sub>i</sub> leva-[os]<sub>i</sub> a breca muitas vezes. (*A liberdade eleitoral*, Teixeira de Vasconcelos, 1870).

Além disso, encontramos deslocamentos à esquerda clítico em que não há adjacência sintática entre tópico e o seu correferente, como mostra o exemplo (106).

(106) Ela deve saber: mas [essa ciência]<sub>i</sub> há somente uns lábios que [a]<sub>i</sub> podem dizer aos ouvidos de uma filha: os de sua mãe. (*Fim da penitência*, Marcelino Mesquita, 1895).

Em (106), percebemos que o tópico *essa ciência* é retomado pelo clítico *a* no interior da oração relativa *que a podem dizer aos ouvidos de uma filha: os de sua mãe*. Tal configuração sintática vai de encontro às descrições de Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et al.* (2013), as quais postulam que os deslocamentos à esquerda clítico são sensíveis a ilhas sintáticas (cf. seção 1.2.2.2.).

A presença de estruturas como a ilustrada em (106), apesar de pouco recorrente, nos leva a constatar a necessidade de uma análise mais cuidadosa dessa questão, visto que tal comportamento não é previsto pelas descrições gramaticais.

Por fim, a tabela 13 apresenta a distribuição dos deslocamentos à esquerda clítico conforme a natureza do material que se interpõe entre o tópico e o comentário.

	XIX/1		XIX/2		XX/1		XX/2	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
<b>Oração</b>	7	35	7	44	-	-	3	27
<b>Expressão adverbial</b>	12	60	8	50	2	67	8	73
<b>Vocativo</b>	1	5	1	6	-	-	-	-
<b>Aposto</b>	-	-	-	-	1	33	-	-
<b>Total</b>	20	100	16	100	3	100	11	100

Tabela 12: distribuição percentual dos deslocamentos à esquerda clítico conforme a natureza do material interveniente.

Em nossa amostra, 34% dos dados de deslocamento à esquerda clítico apresentaram material interveniente entre o tópico e o comentário. Dentre as estruturas, predominam as expressões adverbiais (107), presentes em todos os períodos com expressivos percentuais, seguidas pelas orações (108). Além disso, também identificamos, em menor número, vocativo (109) e aposto (110).

(107) [**A mulher**]<sub>i</sub> já [**a**]<sub>i</sub> tenho empregadinha, que se não meche; (*O lobisomem*, Camilo Castelo Branco, 1900).

(108) [**O servo**]<sub>i</sub>, acabada a obra, deixaram-**[no]**<sub>i</sub> morrer ao desamparo. (*Frei Luís de Sousa*, Almeida Garret, 1844).

(109) mas enquanto guardava as cartas que me dirigiam nessa carteira, à vista de todos, [as tuas]<sub>i</sub>, Livínia, reservava-[as]<sub>i</sub> só para mim, resguardava-as dos olhares profanos. (*Similia similibus*, Júlio Dinis, 1858).

(110) [A minha opinião]<sub>i</sub>, a que te interessa, já [a]<sub>i</sub> sabes. (*Continuação da comédia*, João Pedro de Andrade, 1931).

### 3.4 Generalizações acerca das construções de deslocamento à esquerda no PE

Sobre as construções de deslocamento à esquerda, verificamos que o número de ocorrências de deslocamento à esquerda clítico é, aproximadamente, quatro vezes maior do que o número de deslocamentos à esquerda de tópico pendente. Embora os dados de deslocamento à esquerda clítico tenham apresentado um pico na segunda metade do século XIX – período II –, sua curva sugere que essas construções se encontram estáveis no PE. Já a curva ascendente dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente assinala a possibilidade de aumento da frequência dessas ocorrências no sistema; entretanto, para confirmar essa afirmação, é preciso observar outros dados sincrônicos.

Acerca dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente, notamos que predominam construções vinculadas a um correferente que exerce a função sintática sujeito, de modo que, nos quatro períodos da amostra, a frequência dessas estruturas é estável. Além disso, nesse tipo de deslocamento, constatamos, em ambos os séculos, predomínio de sintagmas nominais na posição de tópico, na medida em que 76% dos deslocamentos à esquerda de tópico pendente possuíam um sintagma nominal, simples ou complexo, à periferia esquerda da sentença.

Nos quatro períodos estudados, esses sintagmas nominais em posição de tópico nos deslocamentos à esquerda possuem, preferencialmente, margem preenchida e são [-animados]. Vale destacar também que 50% desses sintagmas nominais tópicos são retomados na sentença comentário por um pronome demonstrativo; correspondendo, portanto, à principal estratégia de retomada de deslocamentos à esquerda de tópico pendente.

Em relação à configuração sintática, os dados revelam que, nos quatro períodos de nossa amostra, predominam contextos de adjacência sintática, apesar de também termos encontrado, em menor número, dados sem adjacência sintática previstos por Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et al.* (2013). Por fim, em relação ao material interveniente, os

resultados apontam para maioria de deslocamentos à esquerda de tópico pendente sem elementos entre tópico e comentário.

Os deslocamentos à esquerda clítico, por sua vez, evidentemente só se vinculam a função sintática de objeto direto e de objeto indireto. Em todos os períodos analisados, predominam estruturas em que o clítico exerce função sintática de objeto direto. Tal característica se relaciona ao fato de apenas 27% dos sintagmas tópicos de nossa amostra serem sintagmas preposicionais e os demais 73% serem de outras estruturas morfossintáticas possíveis de serem retomadas por clíticos acusativos, atendendo ao alto grau de sintatização que essas estruturas requerem. Desse modo, assim como nos deslocamentos à esquerda de tópico pendente, os sintagmas nominais são a estrutura mais recorrente para o tópico nos deslocamentos à esquerda clítico. E, também como naquele tipo de deslocamento à esquerda, predominam sintagmas nominais de margem preenchida e [-animados].

Sobre a configuração sintática, mais um ponto de semelhança com os deslocamentos à esquerda de tópico pendente: em todos os períodos predominam estruturas em contexto de adjacência sintática. Contudo, também identificamos deslocamentos à esquerda clítico em contexto sem adjacência sintática, o que não era esperado tendo como base as descrições de Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et al.* (2013). Quanto ao material interveniente, há, igualmente, maioria de estruturas sem material interveniente entre tópico e comentário.

De modo geral, ao analisarmos as características morfossintáticas e semânticas de ambos os tipos de deslocamento à esquerda, verificamos estabilidade. Nos quatro períodos de nossa amostra, prevaleceram tópicos cuja estrutura é a de sintagma nominal com margem preenchida e [-animado]. Em termos de vinculação sintática, predominam, para os deslocamentos à esquerda de tópico pendente, tópicos vinculados a função de sujeito; e para os deslocamentos à esquerda clítico, tópicos vinculados à função de objeto direto. Além disso, essas estruturas ocorreram, preferencialmente, em contexto de adjacência sintática e sem constituintes interpostos ao tópico e seu comentário.

#### 4. Considerações finais

O objetivo de nosso trabalho foi descrever a trajetória dos deslocamentos à esquerda ao longo dos séculos XIX e XX - estudo de tempo real de longa duração - para, então, confrontarmos nossos resultados aos de outros trabalhos acerca do mesmo tema.

A análise de nossos resultados demonstrou que, em se tratando de deslocamentos à esquerda de tópico pendente, predominam as ocorrências de DE sujeito; e, para os deslocamentos à esquerda clítico, DE objeto direto. Nosso resultado vai ao encontro do trabalho de Vasco (1999), já que a maioria dos seus dados é de DE objeto direto seguido pelo de DE sujeito. É importante ressaltar que o trabalho de Vasco, por ser pioneiro, não estabeleceu a diferença entre os tipos de deslocamento à esquerda no PE, refinamento observado na análise de Garcia (2014) e nesta.

Acerca do DE sujeito, a principal estratégia de retomada dos sintagmas nominais tópicos são os pronomes demonstrativos. Assim como no trabalho de Garcia (2014), identificamos sintagmas nominais tópicos retomados por pronome nominativo somente quando não há adjacência sintática, comportamento que diferencia o PB do PE, já que aquele não apresenta tal restrição. Acreditamos que a ausência dessa estrutura no PE decorre do fato de este sistema preferir o sujeito nulo ao pleno, impedindo que pronomes nominativos ocorram adjacentes a SNs, que, por sua vez, são o sujeito do predicador (verbal ou nominal).

Sobre o DE objeto direto, o grande número de ocorrências em todos os períodos estudados reflete a alta produtividade do sistema de clíticos no PE. O fato de a maior parte dos sintagmas tópicos estarem vinculados a função de objeto direto decorre da estrutura do tópico que, na maior parte dos dados, é um sintagma nominal.

Em relação à configuração sintática dos deslocamentos à esquerda clítico, identificamos, em todos os períodos da amostra, um pequeno número de construções que ocorrem em contexto sem adjacência sintática, incluindo casos em que o tópico vincula-se a um clítico no interior de uma ilha sintática forte. A presença deste tipo de estrutura aponta para a necessidade de serem investigados outros dados sincrônicos, já que não é previsto pelas descrições gramaticais lusitanas.

Também cabe destacar que, apesar do número reduzido de ocorrências, encontramos outras possibilidades morfossintáticas para o tópico, o qual pode se constituir, também, numa oração, pronome ou SP, revelando ausência de restrição quanto à estrutura do tópico.

Embora os estudos de Vasco (1999) e de Garcia (2014) sejam de natureza sincrônica, as semelhanças entre os resultados daqueles e essa monografia em relação ao comportamento sintático e semântico das construções de deslocamento à esquerda reforçam a tese de que o PE não sofreu mudanças em relação à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo. As diferenças que encontramos se restringem à configuração sintática de um pequeno número de ocorrências e, portanto, necessita de maior investigação para afirmar que o sistema possa estar licenciando estruturas inovadoras, decorrentes de mudanças sintáticas em sua gramática.

Desse modo, essa monografia pretende somar-se aos poucos trabalhos sobre os deslocamentos à esquerda no PE, trazendo uma descrição diacrônica do comportamento morfossintático e semântico destas construções. Nesta perspectiva, poderá ser uma referência para estudos de sintaxe comparativa que confrontem PB e PE, incrementando a discussão acerca de estes serem variedades de um mesmo sistema linguístico ou gramáticas distintas.



## 5. Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed.rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial, 2003. pp. 433-506.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 1993, p. 107-128.

\_\_\_\_\_; FREIRE, Gilson Costa; VASCO, Sergio Leitão. Português europeu e português brasileiro: alguns aspectos morfossintáticos. In: HENRIQUES, C. C. (Org.) *Linguagem, conhecimento e aplicação*. Rio de Janeiro: Europa, 2003, p. 253-266.

GALVES, Charlotte. A gramática do português Brasileiro. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes, 1998, p.79-96.

GARCIA, Carlos Eduardo Nunes. As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

KATO, Mary & DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. *Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro*. Veredas (UFJF. Online), v. 18, 2014, p. 1-22.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford, Blackwell, 1994.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2012.

MARCUSCHI, Luis Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

\_\_\_\_\_. Oralidade e Letramento. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007. pp. 15- 43.

ORSINI, Mônica Tavares. As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras dos séculos XIX e XX. In: DUARTE, M. E. L. (org) *O sujeito em peças de teatro: estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_ & PAULA, Mayara Nicolau de. Sujeitos deslocados à esquerda e mudança paramétrica no PB. In: *Revista do GELNE – Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste/UFPB*, vol. 13, nº 2, 2011.

\_\_\_\_\_ & VASCO, Sergio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: *Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ*, Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.2, p.83-98, 2007.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, Jânia. “Sociolinguística Paramétrica” ou “Variação Paramétrica?”. In: HORA, Dermeval da & CHRISTIANO, Elizabeth (orgs.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Ideia. p. 83-94, 1999.

RAPOSO, Eduardo B. P. *et alii*. *Gramática do Português*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 2013.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 1999

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico marcado na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2006.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (Tradução de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola. 2006 [1968].